

## SIMPÓSIO AT110

### ESQUECIMENTO E SILÊNCIO: DIMENSÕES DISCURSIVAS

#### TERRA SEM HOMENS PARA HOMENS SEM TERRA: AMAZÔNIA ESVAZIADA<sup>1</sup>

CAMERA FILHO, Milton Mauad de Carvalho  
Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Sinop  
Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGLetras  
mauad.milton@unemat.br

KLAUCK, Andressa Fabrina  
Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Sinop  
Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGLetras  
adressaklauck@outlook.com

**Resumo:** A participação no simpósio Esquecimento e Silêncio: dimensões discursivas visa abordar o silêncio e os apagamentos como espaços ocupados por sentidos, impulsionando deslizamentos. Este trabalho busca compreender como se articulam as formações ideológicas, discursiva e imaginária na fala do Presidente Militar Emílio Garrastazu Médici, objetivando demonstrar como se produz o sentido de espaço vazio em relação à Amazônia Brasileira. A análise foi desenvolvida a partir das concepções teórico-metodológicas da Análise de Discurso de Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi. Tem-se como *corpus* de análise um pronunciamento, intitulado Sob o Signo da Fé, proferido em Reunião Extraordinária da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia, em Manaus/AM, 1970. O período estudado compreende os projetos de colonização da Região Amazônica nos anos seguintes ao golpe civil e militar de 1964, quando o Estado assumiu uma posição de principal garantidor da expansão das fronteiras produtivas sobre as áreas de floresta. Conclui-se que se impôs o discurso da Amazônia como uma região inabitada, desconhecida e que não contribuía para o aquecimento da economia do país. Silenciando a presença dos que ali residiam, apagava-se a história e também a atividade econômica local. Esta pesquisa se desenvolveu no âmbito da Universidade do Estado de Mato Grosso, no grupo de pesquisa: Educação e Estudos da Linguagem, Projeto de Pesquisa Leituras Urbanas e suas materialidades discursivas socioambientais no Norte do Mato Grosso, Câmpus de Sinop.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Colonização da Amazônia; Ditadura Militar; Espaço Vazio.

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido sob orientação da Dr<sup>a</sup>. Cristinne Leus Tomé, docente do Programa de Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLetras, UNEMAT/Sinop.

**Abstract:** This work seeks to understand how articulate the ideological, discursive and imaginary formations in the speech of the Military President Emílio Garrastazu Médici, aiming to demonstrate how the sense of empty space in relation to the Brazilian Amazon is produced. The analysis was developed from the theoretical-methodological conceptions of Speech Analysis by Michel Pêcheux and Eni Puccinelli Orlandi. It has as corpus of analysis a statement, titled Under the Sign of the Faith, given in Extraordinary Meeting of the Superintendence of Development of the Amazon, in Manaus / AM, 1970. The studied period includes the colonization projects of the Amazon Region in the following years to the Civil and Military Coup of 1964, when the State assumed a position of main guarantor of the expansion of the productive borders on the forest areas. It is concluded that the discourse of the Amazon was imposed as an uninhabited region, unknown and that did not contribute to the warming of the country's economy. Silencing the presence of those who lived there, the history and also the local economic activity disappeared. This research was developed in the scope of the State University of Mato Grosso, in the research group Education and Language Studies, Research Project Leituras – Urban Readings and its socio-environmental discursive material in the North of Mato Grosso, *campus* of Sinop.

**Keywords:** Discourse Analysis; Colonization of the Amazon; Military Dictatorship; Empty space..

## Introdução

Uma das principais características do processo de colonização amazônica é seu caráter desenvolvimentista. Segundo Peripolli (2009), o Golpe Civil e Militar de 1930, liderado por Getúlio Vargas, representou um marco no cenário político-econômico do país, na medida em que evidenciou a derrubada parcial das oligarquias e do modelo de econômico agrário primário-exportador, vigente até então. Para o autor, o desenvolvimento do capitalismo no Brasil deu-se pela expansão da indústria brasileira, processo intensificado pelo Golpe de 1964, que instituiu uma ditadura civil e militar no Brasil.

O presente trabalho pretende, sob as concepções da Análise de Discurso materialista dialética (PÊCHEUX, 2014; ORLANDI, 2007), compreender como se articulam as formações ideológica, discursiva e imaginária na fala do Presidente Militar Emílio Garrastazu Médici, objetivando demonstrar como se produz o sentido de espaço vazio em relação à Amazônia Brasileira. Para tanto, tem-se como corpus de análise um pronunciamento

público, realizado em Reunião Extraordinária da SUDAM, intitulado **Sob o Signo da Fé** (MÉDICI, 1970).

O corpus escolhido para este trabalho compreende um discurso governamental, proferido pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici, terceiro presidente após o Golpe Civil e Militar de 1964, assumindo a presidência cinco anos após a tomada do poder. Sob seu governo, o Brasil viveu a época que, posteriormente, foi chamada de Milagre Econômico, marcado pelos grandes projetos de integração econômica e nacional.

## 1. Terra sem homens para homens sem-terra

Tal pronunciamento, intitulado **Sob o Signo da Fé** (MÉDICI, 1970), faz referência ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré, grandiosa celebração religiosa que acontece anualmente em Belém/PA. Em decorrência das migrações de trabalhadores paraenses, passou a acontecer em outras capitais, como Manaus/AM, onde se encontrava o presidente. A Reunião Extraordinária, na qual Médici fez essa fala, foi realizada na mesma data da referida celebração, o que se pode verificar no início de sua fala:

Brasileiros da Amazônia, homens de todo o Brasil. **Venho à Amazônia sob o signo da fé.** Venho para estar com o povo na romaria do Círio e confluir com ele na mesma corrente das ruas de Belém. (MÉDICI, 1970, p. 145, grifo nosso).

Põe-se em evidência a vinculação do pronunciamento a uma formação discursiva religiosa, buscando estabelecer contato entre os interlocutores. Fato este que evidencia que o presidente produzia uma imagem de seus ouvintes como (ou pretendia se dirigir mais diretamente a) pessoas religiosas, participantes da romaria, etc. Tal processo representa o funcionamento das formações imaginárias, descritas por Pêcheux (2014).

Referindo-se à economia da região, Médici, na posição de representante do Governo Militar, denuncia que o próprio Estado desconhece uma vasta região do país:

A Amazônia ainda não encontrou sua vocação econômica. O café e o cacau, a madeira e a borracha, o boi, a juta e a castanha têm sido momentos passageiros de riqueza; momentos que não trouxeram mais duradouras mudanças na infra-estrutura sócio-econômica. Não encontrou a Amazônia a sua vocação porque, sendo mais da metade do Brasil, não se fez ainda de todo conhecida. (MÉDICI, 1970, p. 145).

Constrói-se uma narrativa sobre a 'vocação econômica' da Amazônia estar diretamente relacionada com a noção de desbravamento: é preciso, antes, conhecer a região a fundo para, então, haver progresso produtivo. Também se evidencia o reforçamento do papel dos militares (Exército e Força Aérea) como importantes agentes da integração amazônica:

O pouco que dela se sabe foi visto ao longo dos rios. Depois, o avião, sobretudo o avião da FAB, encurtou as distâncias, [...] Somente depois da Revolução [Golpe de 1964] é que vieram os tratores e o idealismo da engenharia militar, desvendando e aproximando a Amazônia. (MÉDICI, 1970, p. 145-146).

O mandato de Médici foi marcado pela proposta de redemocratização do Brasil, após os primeiros anos da Ditadura e expressiva retomada econômica. Para assumir o cargo de presidente, Médici exigiu a reabertura do Congresso Nacional, buscando produzir mudanças na imagem que havia se formado dos militares em geral. Posições como essa, da citação acima, evidenciam a preocupação em atribuir papéis diferenciados à atuação militar, para além da tradicional imagem do Exército, visto estritamente como o Aparelho Repressor de Estado (ALTHUSSER, 1985). Esse papel fica mais evidenciado adiante:

Quero dizer que o problema inicial da Amazônia é conhecê-la de verdade. E que para conhecê-la, como é preciso, **impõe-se torná-la mais próxima e mais aberta, para se poder povoá-la.** (MÉDICI, 1970, p. 147, grifo nosso).

Conforme apresentado por Souza (2014), a Região Amazônica era historicamente povoada, seja por povos indígenas, seja por populações

tradicionais e migrantes (seringueiros, extrativistas, ribeirinhos, caboclos, camponeses, etc.). Qual o interesse, portanto, em se operar o apagamento desses sujeitos no processo de colonização? Arbex Jr. (2005) afirma que a Ditadura Civil e Militar brasileira reproduziu o lema adotado pelos sionistas, ao final do século XIX, para justificar a criação do Estado de Israel sobre a Palestina:

A ditadura militar reproduziu o mesmo esquema mental, psicológico e imagético; construiu uma imagem da Amazônia como se fosse uma nova 'terra de oportunidades' exposta apenas à ousadia e determinação de aventureiros; celebrou a 'força do homem contra a natureza', simbolizada pela motosserra e por grandes obras como a Transamazônica; acentuou os traços mais perniciosos e catastróficos da mentalidade colonialista com relação à Amazônia. (ARBEX JR., 2005, p. 37, grifo do autor).

Conforme observa o autor, tal qual o apagamento dos povos árabes na Palestina, não bastava simplesmente omitir a existência dos sujeitos amazônicos, era necessário que se apresentasse o projeto de ocupação como solução para outro problema: em Israel, a solução para o povo judeu, até então desprovido de territórios; na Amazônia, o salvo-conduto para as ocupações eram as populações marginalizadas do Nordeste. Nas palavras do presidente:

Somente quem testemunhou no Nordeste a caminhada de **milhões de brasileiros sem terra** e, agora, vem à Amazônia contemplar essa paisagem de **milhões de hectares ainda desaproveitados**, pode sentir, em toda a sua crueza, o quadro vivo de nossa luta pelo desenvolvimento.[...] Tenho bem presente o espetáculo de 30 milhões de nordestinos, que vivem em torno de núcleos esparsos de produção agrícola e industrial, produzindo e consumindo menos de 15 por cento da renda interna. **Sei que essa pequena produção está nas mãos de um décimo da população daquela área.** (MÉDICI, 1970, p. 147, grifo nosso).

Relatando sua visita à Região Nordeste, Médici denuncia a desigualdade social que encontrou em suas viagens. Chega ao ponto de explicitar, brevemente, uma relação de concentração de riquezas e formação de uma elite local, discurso tradicionalmente associado aos movimentos de esquerda (especialmente ligados ao populismo e à igreja). Destaca-se, nesse ponto, o

trabalho de memória operado pelas palavras do presidente: conforme Orlandi (2007, p. 43) “[...] todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória.”. Desse modo, o discurso se efetiva, produz sentido, na medida em que articula seu enunciado ‘explícito’ (dito) com uma série de elementos não-ditos, a memória discursiva.

Tem-se um Presidente Militar trazendo uma formação discursiva relativamente incomum para sua posição: denunciando as falhas e injustiças sociais, os contingentes que fogem ao controle do Estado. Cabe observar, porém, que esse discurso se estrutura como alternativa para evitar que os conflitos sociais (de classe) se instalassem nas regiões onde o modelo de produção capitalista já se encontrava melhor desenvolvido. Nesse sentido:

[...] a colonização no Brasil, particularmente na Amazônia, constituiu-se na alternativa utilizada pelas elites para, ao mesmo tempo, evitar a reforma agrária nas regiões de ocupação antiga, e suprir de mão-de-obra seus projetos econômicos na fronteira. Assim, por meio dos projetos de colonização tanto oficiais quanto particulares, ou mesmo da abertura das posses, **os trabalhadores do campo procuram romper com o processo de expropriação a que estão submetidos**. Buscam, a todo custo, a reconquista da terra para o trabalho da família. (OLIVEIRA, 2005, p. 72, grifo nosso)

Pode-se confirmar esse caráter nos trabalhos de Picoli (2006) e Peripolli (2009), que abordam os processos migratórios que formaram a população da região de Sinop (Gleba Celeste): ambos autores tratam a migração para a Região Amazônica como estratégia para conter a marginalização decorrente da expulsão rural das populações, primeiro do Nordeste e, no período mais avançado da ocupação, do Sul do Brasil. No pronunciamento do presidente Médici, pode-se verificar elementos que confirmam essa concepção:

Impõe-se oferecer um novo horizonte ao nordestino carente de terra e de capital, e mostrar-lhe os caminhos de ser formador da riqueza, valorizador da terra, fator de poupança e acelerador do crescimento econômico nacional. Aquilo que não se pode fazer devido à escassez de capital pode ser feito com um programa integrado de colonização e de desenvolvimento, com um mínimo de recursos econômicos, capaz de gerar rapidamente a riqueza, para complementar, sem inflação, o esforço necessário à solução dos dois problemas: **o do**



**homem sem terras no Nordeste e o da terra sem homens na Amazônia.** (MÉDICI, 1970, p. 149, grifo nosso).

Põe-se em evidência que o discurso se apresenta como terreno de manifestação da ideologia, de suas contradições e tensões de classe. A fala do presidente Médici desponta como um importante objeto de estudos, visto que traz materializadas as relações entre os sujeitos da colonização amazônica: os agentes do Estado e do mercado, as populações migrantes sem-terras e os habitantes tradicionais, apagados durante o processo de ocupação da região.

### **Considerações finais**

Reafirma-se, pois, que o discurso desponta como espaço privilegiado para observar as relações entre língua e ideologia: “[...] os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística.” (ORLANDI, 2007, p. 16). A análise empreendida nesse trabalho buscou evidenciar as relações de força entre esses sujeitos e os interesses de classe envolvidos no desbravamento de uma Amazônia esvaziada.

Buscou-se explorar, ainda que brevemente, os artifícios presentes no discurso governamental que denotavam um esforço para invisibilizar os povos e comunidades tradicionais que habitavam a Região Amazônica. Conforme o apontamento de Oliveira (2007), põe-se em destaque que a construção dessa discursividade está relacionada com a tentativa de mobilização de contingentes populacionais de regiões onde já se estabeleciam conflitos agrários para uma nova fronteira, que necessitava ser desbravada, desenvolvida. As tensões que afloravam dos sem-terra deveriam se converter em esperança de uma nova terra, longe, na Amazônia, em vez de mobilizadas contra as elites do nordeste.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

ARBEX JR., José. "Terra Sem Povo", Crime Sem Castigo: Pouco ou nada sabemos de concreto sobre a Amazônia. In: Torres, Maurício. (Org.). **Amazônia revelada: os descaminhos ao longo da BR-163**. Brasília: CNPq, 2005.

MÉDICI, Emílio Garrastazu. Sob o signo da fé. **Discurso do Presidente da República na Reunião Extraordinária da SUDAM** (Manaus, 08/10/1970). Brasília: Presidência da República / Biblioteca da Presidência da República, 1970.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. BR-163 Cuiabá-Santarém: geopolítica, grilagem, violência e mundialização. In: Torres, Maurício. (Org.). **Amazônia revelada: os descaminhos ao longo da BR-163**. Brasília: CNPq, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas: Editora Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In.: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 2014, p. 59-158

PERIPOLLI, Odimar João. **Expansão do Capitalismo na Amazônia Norte Mato-grossense: a mercantilização da terra e da escola**. Tese (Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2009.

PICOLI, Fiorelo. **O Capital e a Devastação da Amazônia**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006.

SOUZA, Maria Ivonete de. **Do Desbravar ao Cuidar: interdependências trabalho-educação no/do campo e a Amazônia Mato-Grossense**. Tese (Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2014.